

O NIILISMO ATIVO NIETZSCHIANO NA OBRA ‘A HORA DA ESTRELA’ DE CLARICE LISPECTOR

Roberto Ribeiro da Silva¹

Resumo: Investigaremos os nexos niilistas transmutados da obra ‘A Hora da Estrela’ de Clarice Lispector (1977), à condição esvaziada da personagem Macabéa. Essa eleição se coaduna com a ideia nietzschiana de transvaloração, onde o “*lusco-fusco*” entre vida *versus* morte se encontram, a ficção *versus* realidade são constantes metamorfoses - um retorno as coisas mesmas - sem dependência teleológica. Macabéa é metaforicamente o “instante” da vida diante da morte. Sua criadora paradoxalmente é identificada com o niilismo ao significar o ‘grand finale’ da obra com suas mortes (da personagem e a própria). Através da pesquisa bibliográfica, entrelaçaremos as proximidades conceituais desses autores, para revelar em que medida o niilismo é um conceito circulante na referida obra.

Palavras-chave: A hora da estrela, Niilismo, Clarice Lispector, Nietzsche.

NIETZSCHIAN’S ACTIVE NHILISM IN THE WORK ‘THE HOUR OF THE STAR’ BY CLARICE LISPECTOR

Abstract: We will investigate the transmuted nihilist nexuses of the work ‘A Hora da Estrela’ by Clarice Lispector (1977), to the emptied condition of the character Macabéa. This election is in line with the Nietzschean idea of transvaluation, where the “dusk” between life versus death meet, fiction versus reality are constant metamorphoses - a return to the same things - without teleological dependence. Macabéa is metaphorically the “instant” of life in the face of death. Its creator is paradoxically identified with nihilism by signifying the ‘grand finale’ of the work with her deaths (of the character and herself). Through bibliographical research, we will intertwine the conceptual proximities of these authors, to reveal to what extent nihilism is a circulating concept in that work.

Keywords: The Hour of the Star, Nihilism, Clarice Lispector, Nietzsche.

104

“porque o instante existe [...]
E um dia sei que estarei mudo: - mais nada”
(MEIRELES, Cecília. 2001).

O último livro de Clarice Lispector “A Hora da Estrela”, publicado em 1977, é uma obra preta de silêncios, permeadas de tons cinzentos entre o instante do momento e a tardança dele - sua própria morte. Mesmo que não sabida de si mesmo, como na personagem criada como metáfora muito aproximada daquela prestes a visitar a autora [a morte]. Clarice revela através desse escrito um ‘*modus epifânico*’ de seu próprio eu.

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN - PPGed - (2021). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco (CAA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7973-2276>. E-mail: roberto.ribeiros@ufpe.br.

Como em categorias aproximativas a definir o conceito de “*Epoché*” de Husserl², materializa um excuro que sobeja a sua escrita, uma maiêutica parturiente de linguagem, que acaba revelando nos signos os fenômenos embutidos além deles.

A hora da estrela exaure a semântica ao ponto de quase a linguagem dizer a coisa-em-sí, mas não só isso, vai além e transmuta-se para a negação do que fora dito, conforme teorizações de Fontana, como acontece à própria Filosofia nietzschiana “[...] se abre aos possíveis e infinitos sentidos de verdade (ou como quer Nietzsche: interpretações)” (FONTANA, 2023, p.37).

Clarice Lispector é originária de uma pequena cidade chamada Tchetchelnik, na Ucrânia. Ainda na sua mais tenra idade, fugindo da horrenda perseguição imposta ao povo judeu sua família imigrou para o Brasil (10 de dezembro de 1920). Clarice tinha pouco menos de um ano de idade, seus pais juntamente com outras duas irmãs firmaram endereço em Maceió – AL e só com quase cinco anos transferiu-se para o Recife – PE. Apesar da sua condição apátrida, que segundo Hannah Arendt é a mesma condição de ‘refugiado’:

[...]Um refugiado costuma ser uma pessoa obrigada a procurar refúgio devido a algum ato cometido ou por tomar alguma opinião política. Agora “refugiados” são aqueles de nós que chegaram à infelicidade de chegar a um novo país sem meios e tiveram que ser ajudados por comitês de refugiados. (ARENDR, 2013, p. 7).

Clarice reflete em seus escritos as memórias da infância na capital pernambucana e proclama o português sua língua *mater* identificando-se como brasileira, mesmo que durante vinte e três anos tenha vivido como cidadã estrangeira e apenas em 1943, por ocasião do seu casamento tenha adquirido a cidadania brasileira. Conforme podemos aferir em uma das suas crônicas:

Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. [...]Quem sabe se comecei a escrever tão cedo na vida porque, pelo menos, eu pertencia um pouco a mim mesma. O que é um fac-símile triste. Embora eu tenha uma alegria: pertença, por exemplo, a meu país, e como milhões de outras pessoas sou a ele tão pertencente a ponto de ser brasileira. [...]Sinto-me no entanto feliz de pertencer à literatura

² Pela epoché, segundo Husserl, “[...] encontro-me acima do mundo que, num sentido inteiramente sui generis, tornou-se então para mim um fenômeno” (Husserl, 1976 [1936], § 41, p. 155). HUSSERL, E. 1976 [1936]. Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie: Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie (Band VI). Den Haag, Netherlands, Martinus Nijhoff, 559 p.

brasileira. Não, não é por orgulho, nem por ambição. Sou feliz de pertencer à literatura brasileira por motivos que nada têm a ver com literatura, pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual. Feliz apenas por fazer parte (LISPECTOR, 1999, p. 110).

Não é por acaso o sequestro de um olhar de uma nordestina àquela que na infância viveu no nordeste brasileiro (Recife-PE), materializado na obra ‘A hora da Estrela’ onde a autora reconecta as raízes da história em um novo recomeço – antes do ‘grand finale’. O existir de uma nordestina - Anawin³: Macabéa⁴, retirante pelas ruas do Rio de Janeiro e do enigmático narrador da obra Rodrigo S.M (que é Clarice) se revelam e se confundem em pensamentos órfãos,

Mas e eu? E eu que estou contando esta história que nunca me aconteceu e nem a ninguém que eu conheça? Fico abismado por saber tanto a verdade. Será que o meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar? Se sei quase tudo de Macabéa é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada (LISPECTOR, 1998, p.69).

Clarice Lispector propõe a suspensão da condição ocada do ser vivente perambulante, ela e Macabéa são atravessadas pelo lapso e pelo instante, são lançadas no vazio. Ao falar do vazio da personagem a autora deixar transparecer o seu vazio, mais que isso, proclama que a vida é e que precisa de vazios.

Comparativamente em Nietzsche, o anúncio de vazio no pós-morte-de-Deus, desvela um retorno a um estado de natureza do encontro do ser com ele mesmo. Sem tutelas, o ser “esvaziado” olha o vazio de dentro para fora, o vazio agora se dilata em possibilidades alargadas além do bem e do mal, como uma mão aberta ao horizonte sinalizando não um, mas vários rumos. Para Araldi (2004, p. 108), “[...]o niilismo se radicaliza, à medida que o homem experimenta o vazio de sentido decorrentes da ruína dos valores superiores/transcendentes”.

³ Em hebraico são os pobres, expressão atribuída aos Macabeus, são os nomes de dois livros do antigo testamento. Para a tradição bíblica estes foram os responsáveis em manter a fé de Abraão em tempos de perseguição aos judeus, que resistiram e guardaram a tradição denominados de “resto de Israel” – gente do interior, porta-vozes dos desejos populares de reconstituição da nação (nota do pesquisador).

⁴ Para Barros (20015, p.141-142), Macabéa não sabia que ela era o que era, [...]numa palavra, que não existia, ou seja, ela não tinha identidade, ou melhor, não tinha um núcleo identitário que a caracterizasse, que representasse seu desejo, pois desejo ela não tinha. Porém, pode um ser humano nascer sem desejo? Seria o mesmo que nascer sem inconsciente. Seria o mesmo que não ter nascido. Seria o mesmo que permanecer flutuando em fusão com a imensa natureza. É que talvez tivesse acontecido de seu desejo dar um nó, vítima de algum trauma, e, assim, ficado paralisado, incapaz de sentir e expressar suas necessidades ou incapaz de simbolizá-las (Herrmann, 2001). Fixara-se o desejo na ideia de não ser nada. Talvez por isso, o narrador passe a nos informar sobre a vida pregressa da moça nordestina.

O NILISMO ATIVO NIETZSCHIANO NA OBRA ‘A HORA DA...

Roberto Ribeiro da Silva

Como toda obra, a vida do autor diz muito da sua construção. Friedrich Wilhelm Nietzsche, nasce na cidade de Röcken (Reino da Prússia), em 15 de outubro de 1844. Filho do pastor, Carl Ludwig Nietzsche, que faleceu quando Nietzsche tinha cinco anos de idade, por isso foi criado na cidade de Naumburg (Alemanha). A morte do pai, o deslocamento na infância, a doença herdada e o neurosífilis, não encontraram na fé recebida desde sua juventude a resposta. Mesmo não concluindo a teologia, as temáticas sobre o cristianismo e a religião será uma permanente na vida do autor de várias obras. 1865 marca profundamente a vida Nietzsche, ao entrar em contato com o livro ‘O Mundo como Vontade e Representação’ de Schopenhauer⁵, obra divisora de águas para a construção de muitas das suas ideias.

O vazio nietzschiano seminal de recomeços é ao mesmo tempo em Clarice fonte de criação. Esse encontro, nos possibilita conceituar a obra ‘A Hora da Estrela’ como pertencente expressão do que podemos chamar de um ‘arcabouço nietzscheano’, responsável em fundar a transvaloração dos valores, que metodologicamente são carentes de outros conceitos como: *Übermensch (super-homem)*, *Vontade de Potência e Eterno Retorno* – reconhecidamente necessários à ampla compreensão do denominado niilismo ativo.

O último conceito é esquadrihado nesse artigo a fim de estabelecer nexos, aproximativamente, com aquele objetivo já inicialmente proclamando em seu intento, que ao nosso raciocínio não limita ou compromete as aproximações filosóficas com àquelas literárias aqui estabelecidas e/ou perseguidas. Segundo as teorizações de Souza, o niilismo ativo,

[...]eleva o vazio à condição de motor na criação de novos sentidos, sem para isso precisar negar o real, ou seja, o que dá vida escapa a registro do sentido e que está além de Deus e do homem. O niilismo ativo em Nietzsche é o que possibilita o ultrapassamento do niilismo passivo e a transformação do sentimento de ausência de sentido em uma força criadora que age a partir do vazio, saltando-o, bordejando-o, tomando-o como um núcleo promotor de vida, como vontade de potência. Em Nietzsche, a vida é, acima de tudo, vontade de potência (SOUZA, 2018, p. 172-173).

Em ‘A hora da estrela’ o niilismo ativo é anunciado enquanto potência criadora - desde o início da obra na afirmação do sim (*fiat*) como começo de tudo, recordando em certa medida a narrativa bíblica do mito adâmico da criação.

⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

Na perspectiva nietzschiana seria o não (*nihil*) entrelaçados por duas afirmações sentenciadas de Clarice: “*como a morte parece dizer sobre a vida [...]quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe*” (1998, p.12), responsáveis por esboçar uma similaridade conceitual-linguística com profundos desdobramentos filosóficos – pois a consciência da finitude é revelada ao ser-no-mundo.

Em Nietzsche, entendemos que a realidade acima, se expressa através da transvaloração de todos os valores, constituído como conceito seminal na sua obra: “[...]porque ela é cunhada pelo próprio autor de modo a exprimir, por meio de um signo, um acontecimento decisivo no âmbito dos valores, acontecimento que é constatado e precisa ser enfrentado” (RUBIRA, 2005, p. 114). Como já sentenciamos na epígrafe desse excuro, no dizer de outra genial literata brasileira - Cecilia Meireles (1901 – 1964), a vida nada mais seria que um ‘*instante*’⁶, em conotações assumidamente niilistas.

Propomos uma indagação: em que medida a obra em tela consubstancia nexos literários com a filosofia nietzschiana? Muito aproximada ao exposto niilismo ativo encontrado na concepção de vida denotada pela autora. Não há uma pretensão hercúlia em comprovar que Clarice leu Nietzsche, mas esquadrinha proximidades conceituais espacialmente demarcada em uma obra sob o prisma da filosofia nietzschiana.

O vazio como instante

A reflexão filosófica-literária, as materializações na construção de uma personagem e a mensurabilidade proeminente de que Macabéa – enquanto ser-do-instante, acaba por inaugurar um lapso temporal que empurra a história da alagoana a um perplexo patamar de ambivalências. Muito aproximadamente estabelecida na perspectiva da conceituação de Deleuze sobre o significado da palavra niilismo:

[...] nihil não significa o não-ser e sim, inicialmente, um valor de nada. A vida assume um valor de nada na medida em que é negada, depreciada. A depreciação supõe sempre uma ficção: é por ficção que se falseia e se deprecia, é por ficção que se opõe alguma coisa à vida [...] os valores superiores à vida não se separam de seu efeito: a depreciação da vida, a negação deste mundo.

⁶ Nas teorizações de Roberto Machado, o sentido ético sobre a vida, “[...]significa, por outro lado, que, para Nietzsche, querer a eternização do instante (grifo nosso) vivido, pela afirmação do seu eterno retorno, é querer a vida, a cada instante, em toda a sua intensidade, em toda sua plenitude, estado supremo de aquiescência à vida considerado por ele única forma de ultrapassar a vontade de nada ou o nada de vontade do niilismo”. (MACHADO, 1997, p. 135)

E se não se separam desse efeito é porque têm por princípio uma vontade de negar, de depreciar (DELEUZE, 2018, p. 189).

Deleuze exemplifica uma generalidade do projeto nietzschiano pela Filosofia, quando introduziu a conceituação do *sentido* e do *valor*. Em ‘A hora da Estrela’, Clarice afirma: “[...]a minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior, e não há uma palavra que a signifique” (p. 11).

Para Nietzsche essa compreensão filosófica se alinha com o papel da Filosofia na geração de uma crítica radical contra os resultantes modernos da sua prática, responsável pela perpetuação de novas formas de submissões. Um pilar da Filosofia de Nietzsche é ao nosso entendimento, a superação de qualquer conformismo transcendental, à proclamação ativa do niilismo com golpes de “martelo”, testemunhado em *Ecce Homo* como papel do Zaratustra: “[...]entre minhas obras ocupa o meu Zaratustra um lugar à parte. Com ele fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito” (2008, §4, p. 16).

Tudo que fora proclamado no campo das certezas metafísicas ou religiosas encontram nesse cenário a urgência de revisão. O papel do niilismo ativo implicaria na rejeição da clarividência produzida como conforto para desvelar a verdade ocultada, onde o ‘não’ reinicia uma variedade de caminhos por ele dilatados, não é possível afirmar um único caminho a ser perseguido, conforme teoriza,

Não há sabedoria, pesquisa da alma ou arte do discurso antes do Zaratustra: o mais imediato, o mais cotidiano fala de coisas inauditas ali. A sentença fremente de paixão; a eloquência tornada música; raios arremessados adiante, a futuros ainda insuspeitos. A mais poderosa energia para o símbolo até aqui existente é pobre brincadeira, frente ao retorno da linguagem à natureza mesma da imagem. — E como desce Zaratustra, e a cada um diz a palavra mais bondosa! Como toca com mãos delicadas até mesmo seus antagonistas, os sacerdotes, e sofre com eles por eles! — Ali o homem é superado a cada momento, o conceito de “super-homem” fez-se ali realidade suprema — tudo o que até aqui se chamou grande no homem situa-se a uma distância infinita, abaixo dele. O elemento alciónico, os pés ligeiros, a onipresença de malícia e petulância, e o que mais for típico do tipo Zaratustra, isso jamais se sonhou como essencial à grandeza. Precisamente nessa extensão de espaço, nessa acessibilidade aos contrários, é que Zaratustra se sente como a fórmula suprema de tudo o que é, e, ouvindo como ele a define, renuncia-se a procurar seu símile. (NIETZSCHE, 2008, p. 86, § 6)

Para uma sociedade acostumada como a rigidez apreitada pelos sistemas filosóficos a voz de Nietzsche encontrou portas fechadas. Ele não concordava com

O NILISMO ATIVO NIETZSCHIANO NA OBRA ‘A HORA DA...

Roberto Ribeiro da Silva

acordos sistêmicos que servissem ao dogmatismo decadente sob a inspiração socrática⁷ que impunha grilhões a própria mediocridade humana, como se a Filosofia não desse mais conta de pensar a vida. A vida posta entre imanências e transcendências é manifestação da vontade de poder.

Para Nietzsche, não é concebível avassalar a vida à mercê dos valores elevados acima da própria existência. Esse entendimento brota da ideia de que nada se projeta além da própria vida, ela é termo mensurável e inalienável do que venha a ser valor sobre si. Como em Macabéa, personagem de Clarice Lispector, a vida serve para continuarmos inventando o mundo e nada além disso⁸.

Em Nietzsche, o niilismo performativamente ativo, é ação libertária geradora de múltiplas eclosões valorativas. Na incompleta obra ‘A vontade de potência’, Nietzsche reflete sobre o que denominamos de niilismo ativo:

[...] um niilismo de êxtase, pode, em certas circunstâncias, ser indispensável precisamente para o filósofo: como uma poderosa pressão e martelo, com que ele esfacela raças degenerantes e moribundas e as tira do caminho, para abrir ala para uma nova ordenação da vida ou para inspirar ao que é degenerado e quer morrer o desejo do fim. (NIETZSCHE, 1983, p. 395)

110

A conceituação dionisíaca aferida como “niilismo de êxtase” é a embriaguez das ilusões. Sem descartar a necessária anestesia ao agir filosófico, como uma dilatação do uso do martelo esfacele os valores postos acima da vida, tal ação implica na transmutação e geração de valores negados até então – o retorno ao animal que há em nós.

Denunciado cruamente o ser-para-a-morte que é Macabéa, mesmo que seja encontrada em alguns momentos fantasiando: “[...]sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema (1998, p.75)”. Clarice, une a hora da morte como a um momento em que o ser mergulha no vazio do desconhecido, **a hora da estrela de Macabéa é a hora da morte**, como uma estrela de cinema ela ser tornara com sua morte brilhante, é a hora única daquela que viveu no anonimato profundo.

⁷ Para Nietzsche o Platonismo é condutor da ‘decadência’, responsável por julgar e condenar a vida, quando deveria afirmá-la.

⁸ Segundo Teoriza Costa, sobre a obra ‘A Hora da Estrela’ o livro “[...]é ao mesmo tempo um grito, um pedido de socorro, uma denúncia da morte social, da indiferença, do descaso, do anonimato, da devoração do outro. O que não quer dizer que seja um trabalho panfletário, mas aqui Clarice desnuda as relações sociais a partir de uma nordestina fazendo-nos vermos a nós mesmos e às relações reificantes com as quais constituímos o social” (COSTA, 2007, p. 259).

Considerações finais

Ao cabo desse artigo filosófico-literário de construção discursiva aplicada aos enunciados desenvolvidos, buscando as aproximações e nexos no diálogo entre o vazio na obra “A hora da Estrela” de Clarice Lispector e o niilismo ativo nietzschiano, vale recordar que esse movimento parece não carecer de uma comprovação histórica, mas antes de tudo, da elevação de uma elevação da racionalidade investigativa e filosófica, pois tratou-se de um excuro de singularidade conceitual. O resultado é o encontro com o anonimato já expresso em uma das suas crônicas;

Tantos querem projeção. Sem saber como está limita a vida. Minha pequena projeção fere o meu pudor. Inclusive o que eu queria dizer já não posso mais. O anonimato é suave como um sonho. Eu estou precisando deste sonho. Aliás eu não queria mais escrever. Escrevo agora, porque estou precisando de dinheiro. Eu queria ficar calada. Há coisas que nunca escrevi, e morrerei sem tê-las escrito. Essas por dinheiro nenhum. Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte das minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio (LISPECTOR, 1999, p. 92).

Cabe retomar a ideia de que a transmutação de todos os valores de Nietzsche, encontra sua atualidade nas convulsões que experimenta o mundo na atualidade. O homem vindouro “além do bem e do mal” é uma urgência diante das mentiras políticas contemporâneas.

O niilismo nietzschiano é encontrável no desnudamento da mentira das democracias modernas e seus projetos capitalistas. Os regimes totalitários que se impõem, a crise da racionalidade descortinadas impelem o pensar ao profundo questionamento: Qual a finalidade da busca de sentidos para a existência humana? Como em Clarice Lispector, Macabéa buscou sentido numa cartomante, na tentativa de que uma pessoa treinada na suposta arte divinatória, pudesse dar razão a sua fantasia de ser estrela de cinema como Marilyn Monroe.

Assim o niilismo ativo aparece na proclamação de que não há moralidade fora-de-sí-mesma. Macabéa ficou solitária diante do seu destino para descobrir que a resposta final era sua própria morte.

Nesse aspecto há uma identificação entre o fim e o recomeço buscado na doutrina do eterno retorno nietzschiano, diferentemente da proposta cristã sobre as novíssimas do homem ou do devir do historicismo hegeliano e pós-hegeliano.

Referências bibliográficas

- ARALDI, C. L. **A vontade de potência e a naturalização da moral**. In.: Cadernos Nietzsche. São Paulo, n. 30, p. 101-120, 2012.
- ARENDRT, H. **Nós, os Refugiados**. Tradutor: Ricardo Santos. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2013.
- BARROS, . F. de S. **O segredo de Macabéa**. *Ide (São Paulo)* [online]. 2015, vol.38, n.60, pp. 139-144. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062015000200011&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-3106.
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- COSTA, M. de F. B. **...Da solidão e da condição...** (por uma antropologia da solidão: uma abordagem a partir de Clarice Lispector e Martin Heidegger). 2007. 284 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7083>. Acesso em 03 out. 2023.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- FONTANA, V. F. **Husserl e Nietzsche: A “transmutação” do niilismo**. *Revista Dialectus*. v. 30 n. 30 (2023): Dossiê Niilismo Vol. II DOI: <https://doi.org/10.30611/2023n30id92044>.
- NIETZSCHE, F. W. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Ecce Homo: como se tornar o que é**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- _____. **Obras incompletas**. Org. Gerard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres filho. Posf. Antônio Cândido. 3. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **O anticristo: maldição ao cristianismo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- MACHADO, R. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- RUBIRA, L. **Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche**. In.: *Revista Tempo da Ciência*. Paraná: Unioeste, v. 12, p. 113- 122, 2005.
- SOUZA, J. **Raúl Antelo e a escrita órfica de Clarice Lispector**. *Boletim de pesquisa nelic*, v. 18, n. 29, p. 169-177, 2018.